

CRISTIANISMO

ÓRGÃO DE RENOVAÇÃO ESPIRITUAL E ORIENTAÇÃO ECUMÊNICA

Sucessor de "O Mundo Cristão" e "Cooperador Cristão"

ANO XII

SÃO PAULO (BRASIL) — JULHO-AGOSTO DE 1960

N.º 133-134

ANOTAÇÕES

Divulgação da Bíblia e os Livros Apócrifos

A IMPORTÂNCIA que a Reforma deu às Escrituras, como fonte de autoridade espiritual e como livro acessível às massas, foi sempre reconhecida na história do Protestantismo, e tem sido bem manifesta na extraordinária obra de divulgação e de estudo que a Bíblia demanda.

Essa obra merece os mais altos louvores, mas também reclama especiais atenções para alguns de seus aspectos. E um deles é o que diz respeito ao conteúdo que o volume sagrado deve apresentar.

É sabido que o Protestantismo regularmente exclui de suas Bíblias, que constam de 66 livros, os Deuterocanônicos, vulgarmente chamados Apócrifos, livros que a Igreja Católica Romana e as Ortodoxas incluem no seu cânon, embora lhes dê um valor diferente. É certo que algumas Igrejas Protestantes, em suas edições da Bíblia, têm incluído os Apócrifos para leitura dos fiéis, como a Anglicana e a Luterana; e eles figuraram, recentemente, em um volume aparte, na valiosa Revised Standard Version, que é publicação relacionada com o Conselho Nacional das Igrejas de Cristo nos Estados Unidos da América. De um modo geral, contudo, o Protestantismo não publica os Apócrifos. Não o fazem as Sociedades Bíblicas de alta responsabilidade, como a Britânica e a Americana. E o povo protestante fica, em muitas línguas, sem meios fáceis para a leitura desses livros.

Se as Sociedades Bíblicas têm a êsse respeito orientação firmada negativamente, não desaparece a matéria como problema do Protestantismo. Será justo que nosso povo não tenha acesso a tais livros, a não ser por meio da aquisição da Bíblia das edições católicas, e que em regra são mais caras?

Em ligeiras linhas editoriais não cabe a discussão do valor dos Deuterocanônicos. Todavia é possível afirmar-se que, de um modo geral, há em meio deles — para não se falar nos de valor histórico ou literário — livros de alta valia espiritual, que resistiriam, mesmo, a comparações, e até, às vezes, com vantagens, com alguns outros que o Protestantismo inclui no seu cânon e que as Sociedades Bíblicas divulgam.

Não queremos afirmar, é claro, que os Apócrifos, muitas vezes, não estejam muito distantes dos ensinamentos cristãos: mas apenas que deveriam ser divulgados para conhecimento e proveito do Protestantismo, e proveito que, em alguns casos, é de um significado espiritual muito elevado.

É necessário declarar, com franqueza, que muita oposição genérica existe no seio do Protestantismo aos livros Apócrifos, proveniente da aceitação rotineira de conceitos e preconceitos do passado, e de conhecimentos de segunda mão — pois não seriam animadores, de certo, os resultados de um inquérito, feito nos meios culturais protestantes, sobre o seu conhecimento pessoal e direto.

A divulgação e o estudo mais amplo das Escrituras levantam alguns problemas que este jornal deseja indicar, ainda que sumariamente. Um deles, que agora lembramos, é o da publicação dos livros Apócrifos em português. É necessário que eles sejam conhecidos em todo o mundo. E se a opinião do público evangélico não

Um Grande Morto

FALECEU em Tóquio, a 23 de abril, um dos maiores homens de nosso tempo — Toyohiko Kagawa, amado e reverenciado no Japão e altamente considerado no Protestantismo universal.

Nascido em 1888, filho de um alto funcionário, mas órfão de pai e mãe em pequenino, teve êle uma infância triste. Encontrou sua felicidade aos 15 anos, quando se converteu ao Cristianismo, em consequência de suas relações com um missionário protestante, de quem recebia lições de inglês.

Jovem ainda, começou suas atividades de evangelização e assistência social, dedicando-se intensamente aos miseráveis. Tendo passado pelo Seminário Teológico de Princeton, voltou a trabalhar no Japão. Sua vida foi então um contínuo serviço à humanidade, na esfera religiosa e social, exercendo suas atividades proeminentemente em meios rurais pobres, em regiões de mineração e pesca. Foi organizador de igrejas e escolas, ativo pacifista e propugnador do cooperativismo, e um apreciado escritor que se considera como sendo autor de 180 obras, relativas a vários assuntos.

Suas atividades não pouparam a sua saúde. Mas viveu até os 71 anos, falecendo depois de ter passado no leito um ano.

Mais de 3.000 pessoas tomaram parte nos funerais de Toyohiko Kagawa, o mais conhecido dos cristãos japoneses: representantes da Igreja, do Governo e da Política, bem como do Trabalho, foram levar-lhe as suas despedidas, tendo-se ouvido alocações de entidades ecle-

siásticas, do Partido Socialista e da Federação Cooperativista Japonesa.

Desaparece uma das mais altas expressões do Cristianismo de nosso século — figura abençoada, glória da Igreja e estímulo para as novas gerações.

Retiros Espirituais

EMBORA haja certa unidade na orientação espiritual de nossas Igrejas Evangélicas, é fácil analisar no seu comportamento algumas sensíveis diferenças, determinadas por suas tradições particulares. É assim que notamos alguns organismos eclesiais mais interessados que outros no trabalho da evangelização, como há os que mais se impressionam com o aprofundamento da piedade cristã.

E o cultivo dessa piedade é da mais alta valia, como todos o reconhecem.

Para êste fim, várias Igrejas têm promovido retiros aproveitáveis. Porém — regra geral, se não nos enganamos — tais retiros têm dado, com certo prejuízo, simultânea atenção a vários interesses religiosos e eclesiais, aliás muito proveitosos, como os que se ligam à cultura, à evangelização, a questões sociais.

Êstes assuntos merecem muito. Cremos nós, porém, que precisamos mais a méudo, e mais intensamente, de retiros que tenham caráter espiritual nítido e exclusivo, sejam eles promovidos por uma corporação eclesial ou por movimento de caráter mais geral.

Provavelmente, não será fácil que ministros ou leigos abram mão de muitos dias para realiza-

puder levar as Sociedades Bíblicas a empreenderem essa publicação, há de caber certamente à liderança protestante encontrar meios para solucionar êsse e outros problemas correlatos. A cultura protestante no Brasil não poderá continuar desconhecendo os Apócrifos como sua literatura normal.

ção dos retiros, e nem será fácil encontrar muitas pessoas capazes de guiar, com bastante sabedoria e eficácia completa, reuniões de tal natureza. E é possível, também, que nossa formação protestante nos leve, aqui e ali, a estranhar a natureza desses retiros. Tudo isso, porém, está longe de ser impedimento à tentativa de conseguir-se o melhor possível e com a maior aceitação.

O que nós queremos sublinhar é a necessidade real de um recolhimento completo — retiros espirituais em que grupos de fiéis possam buscar, humildemente e com empenho, em mútua comunhão, a comunhão mais intensa com Deus. Retiros espirituais genuínos.

Não podemos consentir em que as tendências da nossa psicologia nos levem a ser empolgados pelas feições intelectuais e práticas do Cristianismo, esquecendo a piedade, que para tudo é proveitosa.

Congresso em Lima

DE algum tempo a esta parte, líderes evangélicos vêm pensando em levar a efeito um II Congresso latino-americano que estude assuntos magnos que se referem à obra cristã, à semelhança do que fez o I Congresso, de 1949, em Buenos Aires. Houve no estrangeiro o desejo de que a reunião dessa grande assembléia tivesse no Brasil a sua realização, porém, depois de entendimentos vários, acabou sendo marcada para a capital do Peru, em julho-agosto de 1961.

Os Congressos religiosos têm os seus adeptos entusiastas, mas também há os que julgam perdidos os esforços neles dispendidos.

É certo que muita coisa, nêles, fica somente em palavras, e que recomendações trabalhosa-mente alcançadas ficam, muitas vezes, nas pastas das Comissões continuadoras — mas tudo isso não é razão decisiva para que não se promovam tais reuniões.

O que dá valor a um Congresso, naturalmente, é uma preparação que se baseie no estudo sério das realidades, gratas ou ingratas, do campo religioso e social. E também se faz necessário, nós o sabemos, que se esco-

A IGREJA CATÓLICA E O ECUMENISMO

Ernesto Thenn de Barros

A CONFERÊNCIA de junho, da série "Noites Dominicanas", esteve a cargo de Frei Bernardo Catão, que discorreu sobre a atitude do Catolicismo Romano para com o movimento ecumênico.

O orador fez um histórico das tentativas da Igreja Romana para a reunião da Cristandade. Já em 1848, Pio IX fez uma tentativa visando a união com a Igreja do Oriente. Mais tarde, por ocasião do Concílio do Vaticano, o Papa fez um convite a orientais e protestantes para "voltarem ao único abrigo de Cristo". O Sumo Pontífice se declarava o Vigário de Jesus Cristo, e esperava a volta de todos os filhos dispersos ao seio da Santa Madre Igreja, apêlo êste que ficou sem resultados.

A renovação do esforço da Igreja Católica em prol da unidade se relaciona com a mudança de atitude manifestada pela Igreja da Inglaterra, em várias ocasiões durante o século XIX, quando surgiram, por iniciativa de diversos líderes religiosos, iniciativas de aproximação entre Cantuária e Roma. Na "Charta ad Anglos", lançada em 1895, o Anglicanismo é, pela primeira vez na História, tratado como Igreja e o Papa convida a todos a orarem pela união. O grande óbice para a unificação consistia no caráter das ordens sacras,

lham órgãos perfeitamente capazes de tirar proveito das conclusões e recomendações que se fizerem. Mas essas coisas podem ser feitas, para que se não desperdicem esforços pessoais e elementos financeiros.

Os perigos a que estão sujeitos os Congressos evangélicos decorrem do próprio caráter fragmentário do Protestantismo. Pesará sobre seus organizadores, por essa razão, uma alta responsabilidade, especialmente no sentido de que sejam discutidos, na futura assembléia, assuntos impostos pelo conjunto das necessidades vivas e prementes da América Latina.

E porque a nossa fragmentação nos leva a êsses riscos, não será exatamente essa fragmentação que deva constituir — o que não aconteceu no I Congresso — um tema de máximo relêvo no II Congresso Evangélico Latino-Americano?

cuja validade Roma não estava disposta a aceitar.

Em 1920 a Conferência de Lambeth, que congrega os bispos anglicanos, tratou novamente do problema da unidade, estabelecendo normas em que ela se deveria realizar. Também são conhecidas as conversações de Malines, entre Lord Halifax e o Cardinal Mercier (1921-23), que fracassaram devido a hesitações por parte da Igreja Romana. Mais tarde, continuando na linha da unidade, o Papa Bento XV nomeou uma comissão para tratar das relações com a Igreja do Oriente.

Depois da segunda guerra mundial surgiu um novo tipo de ecumenismo, que já não se propunha apenas a reunir duas Igrejas, mas aproximar a todas as comunidades cristãs. Esta iniciativa concretizou-se no Conselho Mundial de Igrejas, organizado em caráter de formação em 1945 e tornado definitivo na assembléia de Amsterdam, em 1948. Integraram o Conselho Mundial representantes de Igrejas Protestantes, Ortodoxas gregas e Anglicanas; a Igreja Católica não se associou a esta organização. Mas já em 1922 Pio XI havia chamado a atenção dos católicos para o problema da união. A Conferência de Fé e Ordem, reunida em Lausanne em 1927, constituída por representantes de Igrejas não católicas romanas, foi mencionada pelo Papa como uma iniciativa proveitosa, para melhor se conhecerem os grupos cristãos, pois as comunidades dos irmãos separados também possuem seu valor, declarou o Vaticano.

A encíclica *Mortalium animos* apresenta aquilo que a Igreja Católica exige para a realização da união de todos os discípulos de Cristo. A Igreja é intransigente na preservação de tudo que ela entende constituir a verdade. Em 1949 foram dadas normas acêrca da atuação dos católicos com relação ao Protestantismo. A Igreja reconhece o ecumenismo como um ideal a ser procurado, mas os fiéis devem cultivá-lo sob a direção dos bispos. Êstes devem zelar para que seja mantida toda a verdade e, ao mesmo tempo, incentivar a aproximação com os aderentes de outros credos, pois a troca de idéias constituirá uma preparação para a união (que a Igreja sempre entende como um retôrno dos dissidentes ao seio da única Igreja autêntica). Voltando ao grêmio da Igreja Católica, os irmãos separados nada

perderão dos valores espirituais que lhes são próprios, afirmou frei Bernardo Catão. Na sua opinião, o retôrno não significaria uma absorção no Catolicismo, mas um enriquecimento com os valores que êste possui.

Na última parte de sua palestra, o conferencista abundou em expressões de simpatia e compreensão pelos cristãos separados, tanto os da Igreja Oriental quanto os do Protestantismo. Afirmou que o problema da unidade tem dois polos: a exigência da união, para cumprir o preceito de Cristo "que todos sejam um" e, por outro lado, a fidelidade à verdade, pois seria falsa uma unidade que não se fundasse na aceitação da mesma verdade. O orador estabeleceu o princípio de que a unidade é uma característica da verdadeira Igreja fundada por Jesus Cristo. Esta unidade deve ser visível e histórica. "Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja e as forças do Inferno não prevalecerão contra ela."

A êste princípio opõe-se um fator: a existência atual de várias Igrejas. Frei Bernardo citou a opinião do Pastor Visser't Hooft, o qual estudou quatro tipos de aproximação entre os cristãos: a unidade espiritual, a intercomunhão eclesiástica, a federação de Igrejas e a união orgânica de todas elas, sendo esta última o alvo final do ecumenismo. Frei Bernardo declarou-se de pleno acôrdo com a opinião do pastor protestante neste ponto.

A dificuldade fundamental para a consecução da unidade, declarou o orador, consiste na diferença do conceito de Igreja entre o Catolicismo e o Protestantismo. Os católicos partem da afirmação de que a Igreja única já existe, é a Romana; os protestantes crêem que nenhuma das atuais Igrejas possui o caráter de unicidade. Mesmo assim, afirma Frei Bernardo, podemos caminhar na mesma direção em busca da unidade final do Corvo de Cristo, para a qual devem convergir todos os cristãos. Devem ajudar-se mutuamente e adotar uma atitude de tolerância recíproca.

* * *

Desejamos fazer alguns reparos de caráter pessoal, à conferência de Frei Bernardo. Em primeiro lugar reconhecer o cunho profundamente evangélico do seu espírito. O ideal da unidade cristã foi apresentado com sinceridade, humildade e nobreza, demonstrando sentimento fraternal com relação aos irmãos dissidentes, tanto os Reformadores do século XVI como os seus continuadores na atualidade.

Num ponto julgamos necessário completar a exposição do ilustre conferencista. No tocante ao conceito de Igreja que prevalece entre católicos e protestantes, é preciso salientar, com abalizados pensadores, que a diferença consiste não somente na alegação de já existir ou não, visivelmente, a verdadeira Igreja, porém na própria concepção do que é a Igreja de Cristo. Para o Catolicismo ela é constituída pela hierarquia, os bispos e padres, em conexão com o Sumo Pontífice, que administram os sacramentos, por meio dos quais os fiéis obtêm a salvação: "O que ligares na terra, será ligado no céu." Para o Protestantismo a Igreja consiste na comunidade dos crentes: "Onde dois ou três estão congregados em meu nome", disse Jesus, "ali estou eu no meio deles". — "Vós sois a geração eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo todo seu", diz São Pedro na I Epístola. Isto é, onde alguns crentes adoram (mesmo sem sacerdote) está Cristo no meio deles, aí está a salvação. Esta discordância no conceito de Igreja é fundamental para a solução do problema da unidade dos cristãos.

Outro ponto a salientar é qual deve ser o fundamento da verdade religiosa, a qual evidentemente há de ser a base de qualquer união, como bem afirmou Frei Bernardo. Na referida conferência (bem como na anterior), falou-se nas Escrituras Sagradas como fonte da revelação de Deus. Porém é sabido que o Catolicismo Romano se funda não somente na Bíblia, mas também na Tradição da Igreja. E quando houver antagonismo, perguntamos, entre uma e outra fonte da "verdade"? A pergunta não é meramente acadêmica, pois é fácil apontar princípios e práticas ou que a Igreja Romana continua a Bíblia, apoiando-se na Tradição. Sem dúvida reconhecemos pessoalmente que os fundamentos e as linhas mestras do Catolicismo são genuinamente cristãos, motivo pelo qual consideramos essa Igreja como parte do Corpo de Cristo. Porém os acréscimos que, no decorrer do tempo, foram feitos aos ensinamentos da Igreja Primitiva, contrariando ora a letra, ora o espírito do Novo Testamento e que foram encampados pelo Papado — não podemos aceitar tudo isso como "verdade". Portanto não poderíamos, em consciência, subscrever a doutrina católica romana na sua totalidade. Como, pois, poderíamos integrar-nos nessa Igreja, da qual renegamos algumas doutrinas?

Quanto à necessidade de tolerância entre católicos e protestantes, tão justamente recomen-

dada pelo orador, nós protestantes sentimos um ressaibo de amargura, quando lembramos as ignóbeis perseguições a que estão sujeitos nossos correligionários em outras terras. Isto sucede particularmente na Espanha e na Colômbia, seja pela ação de um governo discricionário, seja pelo fanatismo da plebe, num e noutro caso com anuência (quando não a instigação) do clero católico romano. A hierarquia católica não pode ignorar que na Colômbia, durante os últimos anos, por motivos religiosos, tem havido mais de uma centena de assassinios de protestantes e incêndio de seus templos. Será assim que devem ser tratados os "irmãos separados" aos quais o Papa dirige seus apelos de caridade cristã?

Para finalizar estas considerações: Nossos irmãos católico-romanos afirmam que é de seu dever preservar **tôda a verdade** (como eles a entendem). Nós, protestantes, e a Igreja Ortodoxa oriental afirmamos exatamente a mesma coisa (como nós a entendemos). Então o caminho para a unidade não pode ser encontrado na afirmação de que um dos ramos do Cristianismo é o único verdadeiro, mas sim num debate franco e fraternal de nossos princípios e práticas. Isto não será feito com intuídos proselitistas, visando atrair o contendor para a Igreja do adversário. O que se deve procurar é compreender as opiniões contrárias, a fim de fazer justiça aos que divergem de nós; é ser tolerantes para com interpretações várias da verdade cristã; é cultivar sentimentos fraternais entre os discípulos do mesmo Mestre e Senhor.

Figuram êstes entre os objetivos do Conselho Mundial de Igrejas, o qual também pretende dar ao mundo um testemunho unido da verdade essencial do Cristianismo.

"La Nueva Democracia" publicou recentemente uma carta que o grande Miguel de Unamuno enviou, de Espanha, a seu amigo Lino Abeledo, residente na América, e em que se registra o seguinte:

"Não gostei da posição que adotam aqui os evangélicos, que poderiam muito bem, defendendo seu direito e o princípio da liberdade de consciência, não se aliar, como fazem com lamentável facilidade, com os que professam o anticristianismo. Ao fim e ao cabo, católicos e evangélicos são todos cristãos, e em outros países têm tido de unir-se enter si contra o inimigo comum. Porém aqui parece que querem aparecer mais como anticatólicos do que como cristãos, e é mais seu símbolo o triângulo do que a cruz".

A matéria não é estranha ao Brasil.

PORQUE SOU COOPERATIVISTA

Th. Henrique Maurer Jr.

O COOPERATIVISMO constitui hoje, em vários países do mundo, uma grande organização que luta, em um ritmo crescente, por uma renovação profunda das relações econômicas, eliminando a ambição do lucro e o interesse de grupos ou classes particulares, pon-do em seu tugar o propósito de servir aos interesses humanos gerais sem restrição.

Infelizmente êsse movimento, na forma em que se implantou no Brasil, acabou por abandonar alguns dos princípios mais característicos e mais humanos do verdadeiro cooperativismo, limitando-se a defender os interesses de algumas classes de trabalhadores ou, não raro, a satisfazer ambições pessoais de certos grupos. Por esta razão o próprio nome *cooperativismo* tem provocado suspeita e desconfiança em lugar do entusiasmo e da dedicação que êle deveria inspirar.

Mas já há sintomas abundantes de reação. Um movimento genuíno vai-se desenvolvendo em nosso meio, e é de esperar que cedo se arregimentem para um grande movimento renovador todos aqueles que sonham com uma solução democrática, humana e cristã para os grandes problemas sociais.

E' de lamentar que muitas pessoas — mesmo cristãs — decidam a respeito de sua adesão ao movimento cooperativista, por considerações de vantagens puramente pessoais, sem se impressionarem com o sentido profundamente humano e, portanto, cristão, que a sua colaboração nesta grande obra renovadora das relações sociais poderia ter, fortalecendo a execução do seu belo programa de justiça, de serviço e de fraternidade.

Muitas pessoas existem, profundamente dedicadas a obras religiosas e cristãs, ou a grandes causas humanas de socorro e de caridade, que nenhuma significação especial vêem no cooperativismo, convencidas como estão de que o que elas realizam é algo muito mais importante para o bem estar espiritual, moral e físico do homem. Daí não conseguem tempo nem recursos para uma cooperativa. Enquanto eu redigia êste artigo, chegava-me a notícia de que em uma cidade do interior não se conseguia, apesar dos esforços do seu dedicado presidente, um elemento evangélico sequer que estivesse disposto a assumir função como membro da diretoria de uma cooperativa!

Se sou cooperativista de alma e de coração, é porque estou convencido de que êsse movimento tem uma importância fundamental, para tôda a obra social e humana e, segundo o ensino claro dos Evangelhos, mesmo para a obra de renovação espiritual do mundo.

Há quem veja no cooperativismo uma das múltiplas manifesta-

ções do espírito cristão e humanitário, que visa suavizar a situação das vítimas da pobreza e da injustiça social. Mas, dizem êles, ao lado dos cooperativistas estão outros batalhadores dedicados, como os *pacifistas*, que lutam pela cessação das guerras entre as nações, os *trabalhistas* e *sindicalistas*, que procuram alcançar condições mais humanas, salários mais dignos e proteção às classes trabalhadoras, tantas vezes exploradas pela ganância dos patrões; há os educadores e promotores da *alfabetização universal*, que pregam o er-guimento das massas pela disseminação popular da instrução e da leitura.

Outros reformadores sociais se preocupam com as vítimas infelizes de um sistema muitas vezes cruel; temos, assim, os que combatem o *alcoolismo* — grande aniquilador das energias humanas — trabalhando por suprimir a produção e o consumo do alcool ou por salvar as vítimas da embriaguez; temos os *filantropos* que criam orfanatos, asilos, hospitais, reformatórios etc., para socorro, educação ou reeducação dos desamparados de tôdas as idades, ou para a redenção dos marginais e dos decaídos.

Finalmente temos em todos os ramos do Cristianismo os *evangelizadores*, para quem é a pregação cristã que, levando ao coração a tocha da fé e da esperança, irá libertando o homem de tôdas as limitações e deficiências que possa sofrer no mundo, dando-lhe a compensação de uma eternidade feliz ou ajudando-o, já aqui, a vencer os vícios e as misérias da existência terrena.

Correndo esta lista, é possível que também o leitor tenha a impressão de que as preocupações econômicas do cooperativismo, sejam muito menos importantes do que a supressão da guerra, o socorro aos indigentes, e, sobretudo, a mensagem salvadora do Evangelho. Mas, é essa impressão que me parece resultar de uma análise muito superficial dos fatos, porque se esquece de que a guerra, a indigência a rebeldia à mensagem cristã etc. têm suas raízes, tantas vezes, na injustiça econômica em que colaboramos tantas vezes, apesar do nosso pretendido Cristianismo, ou a que nos mostramos indiferentes em nome dêsse mesmo Cristianismo.

Mas, sem a luta pela renovação das relações econômicas e sociais, dentro de um espírito de fraternidade e de ajuda mútua, que o cooperativismo encarna e propugna, todos os demais esforços para salvar os marginais são falhos e incompletos. De fato, não raro a nossa atitude displicente para com o cooperativismo, levando-nos a ajudar e a fortalecer um sistema econômico a serviço do egoísmo

— porque ninguém pode deixar de colaborar em um sistema ou outro, mesmo por um simples ato como o de comprar — faz com que vivamos a construir com as próprias mãos o mundo de injustiça que pretendemos destruir.

Nem se diga que a pregação do Evangelho nos dispense do dever de aderir a essa grande obra de renovação social. Com efeito, se não tomamos a sério em tôdas as nossas relações a recomendação de Jesus, de que tudo o que quisermos que os outros nos façam devemos fazê-los a eles, não temos autoridade para pregar esse Evangelho. O cooperativismo é um grande esforço para criar uma organização que se reja pela regra áurea nas relações econômicas, e negar-se a apoiá-lo é desinteressar-se por uma causa profundamente cristã. Demais, cabe perguntar: temos nós o direito de convidar os homens a obedecerem a Cristo numa vida de amor e de justiça, para depois abandoná-los em um mundo construído sobre o egoísmo e sobre o amor do dinheiro, "raiz de todos os males" (1 Tim. 6,10), quando nos negamos a colaborar em uma organização inspirada no ideal de servir ao homem, que deve ser o princípio básico e a razão de ser de toda instituição humana, segundo o ensino de Cristo?

A renovação das relações econômicas dentro de princípios cooperativos é fundamental em toda obra de redenção moral e social do homem, em virtude da importância dessas relações para tôdas as demais relações humanas. Com efeito, o modo por que ganhamos e gastamos o nosso dinheiro determina e afeta, de alguma maneira, tôdas as nossas atitudes para com os homens. Se as relações econômicas não são dominadas pelo amor, pelo espírito de justiça e de serviço, as outras relações humanas também não poderão sê-lo. Sem esse aspecto econômico, o nosso amor é "de palavra e de língua, mas não por obra e em verdade" (1 João 3,18), isto é, não merece o nome de amor.

O cooperativismo procura realizar o ideal cristão de justiça e de amor. Ele elimina o lucro e transforma as atividades econômicas em um serviço realizado pelo custo, tanto na produção como na distribuição dos artigos de consumo. Com isto procura construir a sociedade sobre o modelo da família, em que todos são irmãos.

Naturalmente, o cooperativismo verdadeiro não se limita a servir a um grupo restrito, nem mesmo aos adeptos de um mesmo credo. Se assim fizesse, não seria humano, muito menos cristão. Fazer bem só a irmãos, a amigos, a membros do mesmo grupo, nada tem de distintamente cristão, pois até os pecadores, os publicanos e os gentios fazem o mesmo (Mat. 5, 43-47 e Luc. 6,32-34). O que há de novo nas relações fraternais de família, ordenadas por Cristo, é

que elas abarcam *todos os homens*, até os inimigos! E' o que fizeram os pioneiros de Rochdale, criando uma cooperativa que não excluía nem os gananciosos patrões que os tinham deixado perecer na indigência.

O mundo está cheio de organizações que visam defender os interesses de grupos e de classes; os homens vivem divididos e em luta. No cooperativismo está uma das raras organizações que lutam simplesmente pelo *homem*, dedicando-se aos interesses reais de todos, sem distinção de classe, de raça, de nacionalidade ou de religião.

E' verdade que o cooperativismo exige dos seus associados certa inteligência, espírito de solidariedade e preocupação com o bem comum. — Então só serve para o céu, dirá o leitor céptico. Ao contrário, essa necessidade de cultivar o cérebro e o coração tem obrigado as boas cooperativas a realizar uma dupla tarefa inseparável: a *promoção da justiça econômica e a educação da personalidade*.

Finalmente, só o cooperativismo pode proporcionar as bases para uma sociedade nova, construída sobre princípios realmente éticos e humanos. Nunca teremos essa transformação social, se não começarmos por edificar a nossa economia sobre alicerces de fraternidade e de cooperação, em lugar de o fazermos sobre ambições de lucro e de riqueza individual. Infelizmente, os cristãos se têm negado a fazê-lo. Preferem remediar a prevenir. E com isto se tornam responsáveis por um mundo amargurado, dividido e decepcionado como aquele em que vivemos.

Não nos esqueçamos, é do sistema social injustiça que ajudamos a construir que nascem os males que os filantropos de todos os tipos procuram remediar ingenuamente, para não dizer que, às vezes, o fazem levianamente. O *pacifista*, pregador da paz, poderá negar-se a colaborar na remoção das causas reais da guerra que estão na gênese de uns e na miséria de outros? Podem os *heróis da luta antialcoólica* mostrar-se indiferentes a um dos fatores mais comuns da embriaguez: a desilusão e a revolta de tantas vítimas do nosso sistema social? Será obra humana e cristã correr a *recolher a reeducar os marginais* — subproduto inevitável da nossa organização econômica — e negar-se a cooperar em um sistema que luta por impedir o aparecimento dos marginais? Não será isto coar moquitos e engular camelos?

Os apóstolos da educação e da evangelização realizam uma obra meritória, procurando atacar o mal pela raiz, prevenindo a ruína moral e espiritual da personalidade e habilitando-a a vencer tôdas as forças que conspiram contra ela. Mas que adianta preparar o homem para a cooperação e para a

fraternidade, e depois atirá-lo a um mundo cujo grande princípio é a lei do *homo homini lupus*, no qual tôdas as vantagens e possibilidades de êxito pertencem aos espertos, aos que menos zelam pelos direitos de seus irmãos?

Importa, pois, que trabalhem todos por construir a sociedade sobre novas bases, em todos os seus setores, especialmente no econômico, porque este define e marca tôdas as mais relações humanas, particularmente as morais e espirituais. Por isto mesmo Jesus insistiu especialmente no aspecto material da prática do amor. O cooperativismo genuíno tem por alvo transformar a humanidade em uma grande família de irmãos. À medida que cresce e progride, vai estendendo a todos os campos da indústria, do comércio, do serviço bancário, a tôdas as relações econômicas nacionais e internacionais, esse espírito de colaboração fraterna, sem restrições e sem exclusões.

Naturalmente, fique bem claro: não me refiro aqui ao movimento cooperativista de classe promovido por certas firmas, para suavizar um pouco a situação de penúria de seus empregados, nem às cooperativas de grandes produtores postas a serviço de grupos limitados e poderosos, mas, sim, ao genuíno cooperativismo de Rochdale, que abrange todos os consumidores e, pois, *todos os homens*, em torno do mesmo ideal do *bem comum*.

É a esse movimento de fraternização universal que hipoteco a minha inteira solidariedade, certo de que só na medida em que estamos dispostos a colaborar nessa magnífica obra social e humana, temos direito de falar aos homens a respeito dos deveres de justiça e de amor que o Evangelho nos manda pregar, só na medida em que nela trabalhamos, tem real significação e pode ter resultados permanentes o nosso esforço pela reconquista dos marginais, dos desamparados, de tôdas as vítimas dos êrros e das injustiças da sociedade.

Não quero dizer com isto que não devemos dedicar-nos às grandes obras filantrópicas, educadoras e redentivas. Apenas, estou convencido de que tôdas elas devem vir precedidas de uma inteira consagração aos ideais da mais completa fraternidade humana. Mas podemos nós fazê-lo, quando nos negamos a praticar esse ideal nas relações econômicas?

Assim, dediquemo-nos com entusiasmo às obras de socorro e de reerguimento dos marginais, batallhemos pela supressão da guerra, lutemos pela disseminação da cultura e da educação, preguemos o Evangelho de graça e de redenção com entusiasmo e ardor, mas não nos esqueçamos de que sem a nossa lealdade e a nossa colaboração nesse grande movimento de solidariedade humana, que é o verda-

BIBLIOGRAFIA

Chamamos a atenção dos leitores para alguns livros apresentados como de real valor nas páginas de periódico de alto conceito.

Ms. do Mar Morto. — Um dos livros é da autoria da conhecida autoridade, da Sorbona, o Prof. A. Dupont-Sommer. Trata-se de — "**Les écrits essentiels découverts près de la Mer Morte**" — publicação da casa Payot, em 1959, e considerada como "obra monumental". O livro, com suas 446 págs., apresenta uma história da descoberta dos famosos manuscritos; lembra a significação deles para a história das origens do Cristianismo; e dá notícias antigas sobre o Essenismo, a que o A. filia os manuscritos, tornando possível a comparação com idéias de escritores como Filão de Alexandria e Josefo. Grande parte da obra consta de uma nova tradução dos textos, com notas explicativas e bibliográficas. Depois da tradução francesa do conjunto dos originais, há estudos sobre a sua relação com o quadro histórico a que pertencem, sobre a personagem do Mestre de Justiça, e sobre o Essenismo de Qumrân em comparação com o Cristianismo. O A., em apêndice, confronta sua tese com outras relativas aos achados do Mar Morto.

O Egito e a Bíblia. — A editôra Delachaux et Niestlé, de Neuchâtel, publicou "**l'Égypte et la Bible**", trabalho de Pierre Montet, que será "a história do Egito em suas relações com Israel mas uma história vista das margens do Nilo não de Jerusalém". O livro dá relevo às histórias do V. T. e contém uma cuidadosa documentação sobre locais mencionados na Bíblia. Numa 2.ª parte do livro, a vida do novo egípcio é evocada a propósito de textos do V. T., — com relação a sua piedade e moral a costumes, trabalhos, administração — tudo acompanhado de "uma série documental, conforme os testemunhos científicos mais recentes". Não aparecem desenhos e reproduções fotográficas, e um paralelo entre a história do Egito e a de Israel Constituirá, dessa maneira "precioso instrumento de trabalho" "mina de ensinamentos para os professores de religião".

Da Gerência

ENTRADAS DE 1.º DE MAIO ATÉ 31 DE JULHO

Assinaturas: José Oliveira Lima, Santos, 100,00; Boanerges Ribeiro, 100,00; João Deval, Curitiba, 100,00; João Glont, São Vicente 100,00; José Ortenazi, 100,00.

Assinantes Cooperadores: Ruth Teixeira, 1.000,00; Rosalina de Barros Mota, 1.100,00; Roberto Rapp, 300,00; Samuel Rodrigues da Costa, Mogi Mirim, 200,00; Romilda Cerqueira do Amaral, 200,00; Romilda Cerqueira do Amaral Filha, 200,00; Virginia Cerqueira do Amaral, 200,00; Luise Bresslau Hoff, 200,00; Natanael Emmerich, Brasília, 200,00; Jonas Leme de Camargo, 200,00; Mario de Queiroz Freitas, 200,00; Venina Pacheco de Freitas, 200,00; Maria Silvana Teixeira, 600,00; Laercio Caldeira de Andrada, Niterói, 400,00; Myrtillo Nunes Pedreira, 150,00.

Sociedade e Publicadora: Isaac Nicolau Salum, 300,00; Epaminondas Melo do Amaral, 400,00; Eder Accorsi, Niterói, 2.000,00; Ruy Gutierrez, 500,00.

Ofertas: Departamento Feminino da Igreja Cristã de São Paulo, 100,00; Anônimo, 500,00.

deiro cooperativismo, estamos, quer queiramos, quer não, contribuindo para aumentar o exército de males que pretendemos combater pela nossa obra social, educativa ou evangelizadora.

Teorias Sobre o Destino dos Ímpios

Thomaz P. Guimarães

1. TODOS cremos que os que aceitam o Evangelho e são fiéis até à morte herdam a vida eterna. Mas, que será dos demais? que destino terão os ímpios? Em resposta a esta solene interrogação apontam-se três ordens de textos bíblicos aparentemente contraditórios.

1.^a — Mat. 18:8; 25:41-56; Mar. 3:29; 9:43-48; Luc. 16:26; Jo. 8:36; Heb. 6:4-6; Apo. 14:11.

2.^a — Mat. 10:28; 13:40-42; Luc. 13:3-5; Jo. 15:6; Rom. 6:23; II Tes. 1:9; II Ped. 2:12; Apo. 21:8.

3.^a — Luc. 3:6; At. 3:21; Rom. 11:32; I Cor. 15:22; Efé. 1:10; Fil. 2:10-11; Col. 1:20; I Tim. 2:4-6; Tit. 2:11; I Jo. 2:2.

Tomadas isoladamente, estas três ordens de textos bíblicos, a que se podem juntar muitos outros, parecem afirmar, divergentemente: a 1.^a, um castigo sem fim; a 2.^a, a destruição do ímpio; a 3.^a, uma salvação universal.

Daí as três bem conhecidas teorias, sempre existentes nas Igrejas — eternismo, extincionismo, universalismo — que procuram harmonizar diferentemente os textos das três ordens.

2. A **teoria eternista** procura harmonizar as três ordens de textos, dando valor absoluto ou preponderante aos textos da 1.^a ordem, e valor relativo ou subordinado aos textos das outras ordens. E ensina:

— Sem qualquer utilidade ou fim disciplinar, mas exclusivamente punitivo, os que morrem incrédulos são lançados no fogo do inferno, onde ficarão definitivamente entregues ao poder de Satanás, em trevas espessas, e serão punidos, no corpo e no espírito, com tormentos os mais penosos, indizíveis, sem interrupção e por milênios sem fim.

3. A **teoria extincionista** procura harmonizar as três ordens de textos, dando valor absoluto ou preponderante aos textos da 2.^a ordem, e valor relativo ou subordinado aos textos das outras ordens. E ensina:

— Aquêles que, deliberada e definitivamente, houverem rejeitado a Cristo, herdarão a morte, isto é, serão destruídos, não instantaneamente, mas pouco a pouco, arruinando-se no corpo e no espírito, abastardando-se, decaído, diluindo-se, apagando-se mais e mais, até a extinção total ou inexistência absoluta, último e misericordioso termo de sua punição.

4. A **teoria universalista** procura harmonizar as três ordens de textos, dando valor absoluto ou preponderante aos textos da 3.^a ordem, e valor relativo ou subordinado aos textos das outras ordens. E ensina:

— Os que morrem impenitentes serão castigados, e tanto mais severamente quanto mais rebeldes, mas, abrangidos também pela obra redentora de Cristo, que é universal, seu castigo não será inútil nem extin-

cionista, mas corretivo ou disciplinar, um meio de que Deus se servirá, em sua infinita misericórdia, para que êles despertem, se arrependam e finalmente sejam salvos.

5. As três teorias mantêm entre si êstes e outros princípios fundamentais comuns:

— Todos os seres humanos são pecadores e só pelas próprias forças ninguém poderá ser salvo.

— Sômente pela graça de Deus manifestada em Cristo pode o pecador alcançar a vida eterna.

— Deus preparou salvação para todos os pecadores, mas só depois de perdoados e santificados, é que êles podem possuir o reino dos céus.

— O pecado gera sofrimentos, e enquanto não se libertar dêle, o pecador sofrerá.

— A salvação é dom gratuito da misericórdia divina, mas não violenta a vontade dos que a recebem, nem ficam isentos de responsabilidade aquêles que a recusam.

6. Eternismo, extincionismo e universalismo, indiferentemente, podem ser pois considerados como dogmas e como teorias: como **dogmas**, enquanto ficam no terreno comum dos princípios gerais, básicos, incontrovertidos; como **teorias**, desde que se afastam desse terreno, para afirmações particulares, secundárias, contenciosas.

Muito sãbiamente andam assim as Igrejas que, como a Valdense Italiana, firmando-se nos princípios fundamentais comuns, se mantêm equidistantes das três teorias. Porque teorias não podem formar credos **eclesiásticos**; devem ser deixadas aos credos **individuais**.

Isto é o que de fato a melhor cultura teológica reconhece certo e há muito vem ensinando nas Igrejas, mesmo nas Presbiterianas, que por tradição ainda conservam em seu credo a doutrina das penas eternas.

7. Em prova do alegado pode citar-se o que, já há mais de meio século, escrevia na Igreja Presbiteriana Unida da Escócia, traduzindo-lhe, aliás, o espírito liberal, o grande teólogo James Orr, que recusava seu apóio às afirmações particulares de qualquer das três teorias. Diz êle (*The Christian View*, págs. 337 e 338):

“Desejo assinalar desde logo, como grande verdade fundamental, aquela enunciada pelo profeta — **Dize ao justo que bem lhe irá, pois vai comer o fruto das suas obras. Ai do ímpio! que mal lhe irá, pois vai ser-lhe dada a recompensa de suas mãos** (Isa. 3:10 e 11).

“E’ noutras palavras o grande princípio da retribuição certa do pecado, princípio êste que nunca se sustentará com clareza ou força excessivas. Tudo que tender a atenuar tal princípio, ou a diminuir sua influência sobre a consciência, é alheio à verdadeira idéia cristã.

SÚMULAS E SELEÇÕES

DESTINOS DO MOVIMENTO

I

COMO vai o movimento em prol da unidade das Igrejas, ao nos aproximarmos do ano do jubileu do movimento ecumênico em 1960? Que é um movimento, ninguém que olhe para o mero século desde a Conferência de Edimburgo em 1910 pode contestar. E’ verdade que Edimburgo não se interessava primariamente pela unidade da Igreja, mas o foco que desde então surgiu para a vida das Igrejas através do mundo, trouxe unidade para o centro da sua visão e ação. As Igrejas foram obrigadas a procurarem a união por tôda espécie de razões. Alguns desses corpos unificados tinham sido membros da mesma família de Igrejas, e descobriram que o tempo havia curado as feridas produzidas em gerações anteriores. Outras, como na Índia do Sul, saltaram por cima das barreiras históricas aparentemente intransponíveis do govêrno e ordem da Igreja. Mas o impulso interno do movimento unionista foi o do movimento missionário evangelístico, que Edimburgo bem exaltou, colocando-o no seu lugar de primazia na vida da Igreja.

Quando a Igreja obedece àquela ordem central, então se interessa também pela unidade. Edimburgo em 1910 compreendeu que uma Igreja dividida não podia nunca unir um mundo dividido.

No crédito desses 50 anos se vê o Concílio Mundial de Igrejas — uma realização de grande vulto. Nenhum profeta em Edimburgo previu um Concílio Mundial de mais de 160 membros denominacionais, que sustentam na sua comunhão diversificada as principais tradições não romanas da cristandade, e que propugnam pela aliança entusiástica dessas denominações!

Continuadamente o Concílio Mundial faz lembrar aos seus membros que êle não é uma organização que visa a promover a unidade. Êle se desmoronaria amanhã se começasse a fazer isso ativamente. Mas a sua própria existência e os resultados que constantemente apresenta às Igrejas, falam em favor da unidade mais poderosamente que qualquer trabalho nesse sentido. O movimento em prol da unidade não pode morrer jamais, enquanto tivermos um concílio Mundial de Igrejas, e sua próxima relação com o Concílio Missionário Internacional duplica essa certeza.

II

Uma década antes de Edimburgo 1910, as Igrejas da Índia se movimentavam no sentido da união, objetivo que, entretanto, só puderam alcançar em 1947. O tempo, a oração e a paciência são os fatores da unidade, e a Igreja da Índia do Sul, que levaram sucessivamente as tradições do Episcopalismo, Presbiterianismo e Congregacionalismo para a vida de um corpo só, são testemunhas monumentais dessa verdade. Essa Igreja — filha vigorosa do moderno movimento missionário — é também testemunha da profunda verdade de que, quando a Igreja põe o seu interesse evangelístico na frente de sua vida, a unidade ali também se encontra. Algo de semelhante deu em resultado a formação da Igreja Unida do Canadá em 1925, ato êsse que, no desenvolvimento estratégico da vida do Canadá, é reconhecido como uma das maiores revoluções na cristandade do Novo Mundo.

Os 50 anos posteriores a Edimburgo 1910 viram também o preenchimento das lacunas nas fileiras das várias famílias de Igrejas. Na Escócia as duas grandes Igrejas Presbiterianas são apenas uma — a Igreja da Escócia, e nos Estados Unidos um movimento similar resultou na formação da Igreja Presbiteriana Unida. O Metodismo também cerrou suas fileiras,

“Por outro lado, onde êste princípio é apreendido com firmeza, aí, penso eu, **deve deixar-se ampla margem para divergências sobre pontos de vista que, por sua natureza, são obscuros e provisórios**”.

8. A conclusão de interesse prático a que se chega é portanto esta: desde que aceite com firmeza o que há de comum nas teorias em aprêço, todo o crente, leigo ou não, deve sentir-se perfeitamente à vontade, **dentro de sua Igreja e no seu pôsto**, para formar sua própria convicção quanto ao que cada teoria tem de peculiar.

A minha já há muito que está formada e é conhecida (não sem que sofresse desagradáveis reações eclesiásticas).

Creio que a obra redentora de

Cristo não se limita à vida presente, mas abrange também a futura, e que não se efetiva sômente nalguns, mas beneficiará finalmente a todos os seres humanos.

Creio que o universalismo é, das três teorias, a que harmoniza mais satisfatoriamente as três ordens de textos bíblicos, a que melhor concilia os atributos de Deus, a que mais exalta a obra redentora de Cristo, e maior conforto traz ao coração humano.

Creio que nesta matéria controversa, e tão grave quão difícil, a razão não está com Agostinho ou Calvino, nem com Rothe ou White, mas com essa “família de eminentes teólogos que vem desde Origenes até Karl Barth, o maior teólogo dos nossos dias”.

especialmente na Inglaterra. Ela, a Igreja Metodista se tornou a maior entre as Igrejas Livres daquele país, onde os movimentos unificadores são notoriamente infrutíferos. A Igreja Unida de Cristo — a ventura da "unidade em crescimento" que a Cristã Congregacional e as Igrejas Evangélica e Reformada procuram levar a efeito na América — é outro empreendimento para união, que mostra não haver apenas um caminho para atingir o alvo. E' este um exemplo de trabalhar pela união, crendo nela e avançando ousadamente em sua busca, vivendo juntos na fé e na obediência, mesmo que os caminhos e os meios não sejam muito claros.

III

No Japão e nas Filipinas têm havido neste período impulsos para a unidade pela pressão do Govêrno, e no momento presente, as Igrejas chinesas estão sofrendo essa disciplina. Essa é uma questão que demanda paciência, compreensão e muita oração da parte dos cristãos dos outros lugares, porque não se conhecem com precisão os pormenores do que está acontecendo, e a atitude dos líderes cristãos individuais é obscura. Mas os fatos principais são incontestáveis. As Igrejas Protestantes da China, sem consideração por suas crenças e tradições, estão sendo obrigadas a se reunir, a reduzir seu ministério e tornar-se parte da máquina estatal, que mede a vida humana pelo que ela produz para o bem estar econômico da nação. Esta pode não ser uma forma cristã de unidade, mas qualquer que seja o futuro da China, os efeitos dessa experiência serão permanentes.

Mas há alguns recuos lamentáveis a se registrar. O principal é a recente interrupção de negociações entre a Igreja da Inglaterra e a Igreja da Escócia. Ali, depois de três anos de discussão e debate, o movimento para a intercomunhão e reconhecimento mútuo de ministérios chegou a um "impasse", em grande parte porque os escoceses não achavam necessária uma forma de episcopado antes de começar a intercomunhão. Outro fracasso foi a cessação de conversações entre os Congregacionais e Presbiterianos na Inglaterra; e nos Estados Unidos há ainda a impossibilidade de unir as grandes Igrejas Presbiterianas do Norte e do Sul. Sentimentos nacionalistas e de grupo, tradições culturais e outros fatores "não teológicos", contribuem para êsses recuos em países onde as Igrejas estão profundamente arraigadas no solo, bem como na alma do povo. São êsses fatores também, em parte, causa do abandono das conversações entre a Igreja Unida e os Anglicanos no Canadá.

IV

Que trarão os 50 anos próximos ao movimento de unidade? Onde se realizarão os avanços importantes no futuro próximo? Quais são as perspectivas na América do Norte, na Europa e na Ásia? A Índia tomará, sem dúvida, a liderança, fazendo a união na Índia do Norte em 1960 ou 1961. Movimento semelhante está em andamento em Ceilão. Ambos êsses empreendimentos levarão os Batistas a maiores movimentos de união pela primeira vez na História Moderna.

Na Austrália e Nova Zelândia, conversações entre as Igrejas Presbiteriana, Metodista e Congregacional trarão os seus frutos. Na Grã-Bretanha a esperança principal parece fundar-se nas conversações Anglicano-Methodistas acêrca da intercomunhão. Isso pode ser chamado de "Unidade Natural", em vista dos laços históricos entre a Igreja Anglicana e sua filha — o movimento Metodista. Também "naturais" são as conversações da Metodista-E.U.B. e os próximos avanços luteranos nos E.U.A.

Podemos esperar nos próximos 50 anos uma Igreja Norte-Americana e Cristo ultrapassando a fronteira americana-canadense e apresentando ao mundo uma Igreja ao mesmo tempo missionária, ecumênica e unida?

Os próximos 50 anos do Novo Mundo terão um futuro muito diferente em crenças, doutrinas e teologia. Mas, talvez, nas restantes décadas deste século XX o Novo Mundo será mais ousado em sua visão da Igreja, preparando-se para mover em formas de unidade ainda não sonhadas, nas quais serão ultrapassadas as barreiras levantadas pela raça, geografia e tradição.

Possa a Igreja de Cristo no Novo Mundo experimentar uma reforma do espírito tão completa como a que refez o Mundo Antigo. A realização desse sonho seria a mais bela celebração de Edimburgo 1910.

(Artigo de Cecil Northcott, publicado em "The Christian Century" a 9-IX-959 e traduzido por R. C. V. O título foi alterado.)

DISCURSO DO PATRIARCA

SENTIMO-NOS felizes em receber em solo russo, nos altares dos nossos veneráveis santuários ortodoxos, os queridos hóspedes da Igreja Ortodoxa Russa, nossos irmãos em Cristo, que representam as Igrejas cristãs unidas no Conselho Mundial das Igrejas.

A Igreja Ortodoxa Russa olha com simpatia os esforços de nossos irmãos cristãos para vencer divisões algumas vêzes seculares, e unir entre si homens que adoram a Deus de maneiras diversas, a fim de que êles trabalhem juntos na obra de Deus. Nossa Igreja os apoiará nessa tarefa.

O estudo dos resultados consideráveis que obtivestes nesse domínio foi para nós uma fonte de consôlo e de profunda satisfação espiritual. Invocaremos a bênção de Deus para a continuação de vossos esforços. Estreitaremos os laços de nossa amizade espiritual, esforçando-nos também

para vos revelar os tesouros de nossa antiga fé, que nos foi transmitida pelos Apóstolos e pelos Padres da Igreja.

Pudestes observar pessoalmente a piedade e o zêlo dos fiéis que enchem nossas Igrejas. Pudestes ver a importância que damos nós, ortodoxos, à vida litúrgica, e à oração em comum. Encontramos nossa força nos sacramentos da Igreja, pelo mistério dos quais o Senhor está presente, ainda que invisível.

Isto permanece talvez incompreensível àqueles dentre os observadores que, vindo do exterior a Igreja russa, exprimem o seu espanto pela sua vitalidade. Esta força não nos vem de nós mesmos. Procede da graça vivificante do Espírito Santo, deve-se à ação da Providência Divina, que conduz a Igreja de Cristo por caminhos insondáveis, conhecidos apenas de Deus; assim, cremos que é para seu bem que a nossa Igreja está separada do Estado.

As relações da Igreja russa com o mundo cristão que fica além das fronteiras de nosso país firmaram-se nestes últimos anos, e laços de fraternidade e de amizade se estreitaram com os cristãos de tôdas as denominações.

Nos tempos atuais, nossa Igreja acolhe e apoia tudo o que contribui para consolidar a paz no mundo, para melhorar o bom entendimento entre os homens e para edificar a sociedade humana sôbre o amor, a liberdade e a justiça.

Notamos com grande satisfação que muitas coisas já se realizaram nesse domínio. Mas poder-se-ia fazer ainda muito mais no futuro, se todos os homens de boa vontade nusessem os seus esforços.

Mantendo-nos desde o início unidos pela oração e pelo dogma às nossas Igrejas-irmãs, os ramos autocéfalos nacionais da Igreja Ortodoxa Universal, oramos pela re-união de tôdas as Igrejas cristãs. E' assim que nos esforçamos, no amor, por manter entre nós "a unidade do espírito pelo laço da paz".

Eis o fim supremo do Conselho Mundial das Igrejas. Como frisou seu Secretário Geral, o Dr. Visser't Hooft, o Conselho Mundial das Igrejas não é uma "Igreja mundial", e seu objetivo é promover a unidade exclusivamente por meios espirituais, reconhecendo plenamente a independência e o carisma próprio de cada Igreja e de cada confissão. Cremos que virá o dia em que todos serão um, e em que se realizará a promessa do Salvador: "E haverá um só rebanho e um só pastor" (João: X,16).

(De "S. OE. P. I.)

O BRASIL E AS LIBERDADES

Registramos em nossas colunas dois documentos que refletem a tendência brasileira no que respeita às liberdades humanas. O primeiro, é a chamada "Declaração de Brasília", assinada em fevereiro último na então futura capital, pelo Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira e o Presidente Dwight D. Eisenhower, dos Estados Unidos, que visitava o Brasil. O segundo, representa um projeto de resolução, apresentado no mês de junho ao Conselho da Organização de Estados Americanos (OEA) em Washington, pelo Embaixador Fernando Lobo. Ambas falam do clima de liberdade nas Américas.

1) As liberdades democráticas e os direitos fundamentais do homem, entre as quais estão incluídos a luta contra a discriminação racial e o repúdio de qualquer atentado contra a liberdade de culto e de qualquer limitação da expressão de pensamento. Estas são conquistas inalienáveis da civilização que todos os homens livres estão no dever de proteger, tendo presentes os sacrifícios dos soldados de ambos os países na última guerra, e a necessidade de evitar a repetição das causas que levaram à perda de tantas vidas jovens e preciosas.

2) A convicção de que as aspirações dos povos das Américas a um sistema de vida cada vez melhor, tanto no plano moral quanto no material, apresenta um dos grandes desafios e ao mesmo tempo uma oportunidade de nossos tempos. Esse desafio deve ser enfrentado comungando-se, cada vez mais estreita e harmoniosamente, os esforços de todos os países da comunidade inter-americana, com o objetivo de que, por meio da ação coordenada, se efetue uma intensificação de medidas capazes de combater o subdesenvolvimento na vasta região dos continentes americanos.

3) O pleno conhecimento dos princípios de solidariedade política e econômica, contidos na Carta da Organização dos Estados Americanos e no Tratado de Assistência Mútua do Rio de Janeiro.

4) O reconhecimento de que o progresso econômico não pode separar-se da preservação da paz e dos direitos democráticos, e de que o esforço de cada nação deve ser suplementado com a ação hemisférica tendente a ajudar todos os americanos a conseguir a melhoria do nível de vida, que há de fortificar a fé na democracia, na liberdade e na auto-determinação dos povos. Para êsse fim, os presidentes reafirmam sua solidariedade aos princípios aprovados por tôdas as nações da América, dentro do raio da Operação Pan-Americana e dão as garantias do seu mais decidido apoio à Organização dos Estados Americanos, e às outras entidades que já formulam medidas para contribuir à realização desses objetivos. Isto haverá de aplainar o caminho para a realização dos ideais interamericanos, tanto no campo econômico quanto no político.

CRISTIANISMO

PUBLICAÇÃO MENSAL

DIRETOR — Epaminondas Melo do Amaral (Ferreira de Araújo, 101).

GERENTE — Arrigo Boero (Caixa 6613, ou Líbero Badaró, 92 — S. 71)

CONSELHO DA SOCIEDADE PUBLICADORA DE "CRISTIANISMO": Jorge Cesar Mota (Pres.), Aharon Sapsejian (Secr.), José Gonçalves Pacheco (Tes.), Alberto P. Schützer, Epaminondas M. do Amaral, João Del Nero, Jorge Bertolaso Stella, Odilon M. Trigo, Th. Henrique Maurer Jr., e Walter de C. Schützer.

REDAÇÃO, TRADUÇÕES E REVISÃO — Antoinette Leuba Salum, Erasmo de Camargo Schützer, Ernesto Thenn de Barros, Hilda Westin de Cerqueira, Isaac N. Salum, Lívio Teixeira, René C. Vogel, Thomaz Pinheiro Guimarães e Yvonne de C. Schützer Del Nero.

Os artigos assinados expressam idéias por que são responsáveis seus autores.

A matéria das diferentes seções trazem as iniciais de seus respectivos redatores e tradutores.

ASSINATURAS

Assinantes comuns — Cr\$ 100,00

Assinantes-Cooperadores — Cr\$ 200,00 ou quantia maior.

Todos os valores (cheques, vales postais, etc.) só devem ser remetidos — e nominalmente — a Arrigo Boero — Caixa 6613 — SÃO PAULO.

COMUNICADO

II CONFERÊNCIA EVANGÉLICA LATINO-AMERICANA

Depois de vários anos de estudos e intercomunicações, os Conselhos e Federações de Igrejas da América Latina resolveram convocar a II Conferência Evangélica Latino-Americana, para os dias 29 de julho a 7 de agosto de 1961.

A convite do Concílio Nacional do Peru, as reuniões serão realizadas na cidade de Lima, onde as Igrejas e instituições evangélicas se ofereceram, gentilmente, para hospedar as delegações.

Em cada país, os respectivos Concílios ou Federações se encarregarão dos preparativos para a participação dos elementos evangélicos regionais. Espera-se, ainda, que se realizem reuniões prévias, locais, possivelmente antes do fim de 1960, objetivando estabelecer contactos mais íntimos entre os evangélicos, contactos que favoreçam a elaboração de informes, por meio dos quais possa a Conferência da Capital peruana apreciar a importância conquistada pelas diversas Igrejas Evangélicas em cada país, bem como suas oportunidades e os problemas que têm de afrontar.

Recordando o interesse com que acudiram, em 1949, os delegados à primeira Conferência realizada em Buenos Aires, a Comissão organizadora não duvida de que, também agora, quando a obra evangélica tem progredido consideravelmente em todos os países, o anúncio desta segunda reunião há de mobilizar as forças evangélicas no afã de comparecerem em Lima, em 1961.

A Comissão de Estudos está organizando os trabalhos a serem distribuídos previamente entre os delegados. Qualquer sugestão, porém, acerca de assuntos ou problemas que devam ser considerados pela Conferência, serão recebidos, com a máxima satisfação, na Secretaria Geral da II Conferência Evangélica Latino-Americana, Tucumán, 358, 6.º andar, Buenos Aires, Argentina.

ATRAVÉS DO MUNDO

BRASIL

Dois Congressos

No Rio de Janeiro, em junho-julho, reuniu-se o grande 10.º Congresso da Aliança Batista Mundial; e em Pôrto Alegre, no mês de julho, realizou-se o 1.º Congresso da Igreja Episcopal Brasileira. Em nossa próxima edição, publicaremos notícia de ambas.

NAS AMÉRICAS

União em São Domingos

A fusão da Igreja Morávia e da Igreja Evangélica da República de São Domingos foi aprovada pelas duas comunidades. Segundo o acôrdo, a Igreja Evangélica conservará seu nome e incluirá três comunidades morávias instaladas na República. A Igreja Evangélica, que compreende vinte e cinco paróquias compostas de 2.900 membros comungantes, resultou do trabalho missionário de três igrejas dos Estados Unidos: a Metodista, a Evangélica Unida dos Irmãos e a Presbiteriana Unida.

Contra a Pena de Morte

Sob os auspícios da Igreja Unida do Canadá, uma comissão de 16 membros, depois de três anos de estudo da questão, propôs que a pena de morte seja substituída pela de prisão perpétua. Recomenda também que a sentença de prisão perpétua seja reexaminada de três em três anos, para uma revisão. A publicação deste relatório coincide com o reinício de debates, na Câmara dos Comuns, em Ottawa, sobre um projeto de lei para a abolição da pena de morte no Canadá. O Conselho Geral da Igreja Unida do Canadá já em 1956 tinha pedido a supressão da pena capital.

Protesto Contra Insinuações

Em uma carta dirigida a todos os membros do Congresso, os dirigentes de 24 Igrejas do Conselho Nacional das Igrejas de Cristo nos E. Unidos, protestaram em termos vigorosos contra a acusação de "infiltração comunista", feita por um manual de instrução para oficiais de reserva publicado pela Força Aérea.

NA EUROPA

Direito de Crítica

A Côte de Apelação de Áquila, Itália, absolvendo Donato Cretarolo, ancião da Igreja Evangélica Batista, da acusação de ofensa à religião do Estado, estipulou que os protestantes italianos têm liberdade para criticar publicamente a Igreja Católica Romana, contanto que essa crítica não tenha um caráter injurioso. Esta absolvição anula a decisão de um outro tribunal, que tinha infligido a pena de 15 dias de prisão a Cretarolo, por ter distribuído folhetos com críticas à Igreja Romana.

Os Protestantes e o Ensino

Após a publicação da nova lei escolar, que vem regular as relações entre o Estado e os estabelecimentos de ensino privado, na França, a Federação Protestante do Ensino acaba de fazer uma declaração, na qual lembra seu apêgo à escola leiga que "oferece uma garantia certa à liberdade de consciência, e cria um clima favorável à união nacional".

Experiência Ecumênica

Os pastores e o Conselho da paróquia de Nydegg, em Berna, que tem o costume de organizar um ágape fraternal, cada ano, com todos os grupos e com os fiéis que exercem atividades no serviço da Igreja, convidaram igualmente, neste ano, os representantes de outras Igrejas (Anglicana, Ortodoxa, Católica-Cristã, Luterana, etc.), que trabalham no território da paróquia.

Obras Religiosas Destruidas

Várias vezes, nestes últimos tempos, obras bíblicas ou teológicas enviadas para a Alemanha Oriental, foram apreendidas e destruídas pelas autoridades de fiscalização. Os destinatários receberam uma comunicação da Alfândega, dizendo que se tratava de "literatura de caráter antidemocrático".

Citados como Exemplo

Em sua chegada a Nova Iorque, no início de uma excursão de seis semanas nos Estados Unidos, o Pastor Martin Niemöller declarou que, na Alemanha Oriental, a Igreja tem uma vida cristã mais intensa do que na Alemanha Ocidental. Ele atribui isso ao fato de que ser cristão na República Democrática Alemã exige coragem e fé: A religião nesta parte do país é consciente, é uma escolha que comporta riscos, enquanto que na Alemanha Ocidental é possível ser cristão sem esforço, por costume, e mesmo por interesse. Na realidade, a vida da Igreja, nesta parte da Alemanha, é abafada pela prosperidade, diz o presidente da Igreja Evangélica de Hesse-Nassau.

Colônia de Misericórdia

A "Colônia de Misericórdia" de Bethel, perto de Bielefeld, na Alemanha, tem como novo diretor o Pastor F. von Bodelschwingh, descendente direto da ilustre família pastoral alemã que contribuiu, para fazer desta colônia, uma das mais vastas instituições de caridade do mundo. O modesto lar, que em 1867 abrigava 7 epilépticos, tornou-se um centro formado de 400 edifícios, colocado sob a direção da Igreja Evangélica da Alemanha. Cinco mil médicos, enfermeiros e pastores, aí trabalham, em regime de tempo integral, para cuidar de doentes mentais e outros enfermos, em número de 30.000 por ano.

Alemães e Noruegueses

No dia 20 de março, nova seção de uma instituição para crianças retardadas foi criada em Borkenes, perto de Narvik. A construção durou 7 meses, e 30 membros alemães da ação "Reparação" dela participaram. Ela permitirá que a instituição tenha sua própria produção agrícola e também a aplicação de uma terapêutica do trabalho. Por outro lado, este novo elemento dará à instituição direito aos subsídios do Estado, para uma futura extensão. Logo que os jovens voluntários voltem para a Alemanha, um segundo grupo partirá para a região de Hammerfest (Noruega), para começar a edificação de uma capela.

Assembléia da Juventude

Mil e quatrocentos jovens cristãos, de 12 países da Europa, participarão no próximo verão de uma grande Assembléia Ecumênica da Juventude Europeia, em Lausana, de 13 a 14 de julho. Este número será aumentado por cerca de 300 jovens que virão de outros continentes. Será a primeira vez que uma assembléia desta importância reunirá, sob os auspícios da Igreja, tantos jovens europeus de confissões e nacionalidades tão diversas: metodistas, batistas, ortodoxos, velhos-católicos, reformados, luteranos, anglicanos, salvacionistas e congregacionistas. O tema central da assembléia será: "Jesus Cristo, luz do mundo", que também será o da 3.ª Assembléia plenária do Conselho Mundial de Igrejas, em Nova Delhi, em 1961.

Exposição Fotográfica

Uma exposição fotográfica intitulada "Veja a criação de Deus" será apresentada ao público, em Rotterdam, durante toda a Exposição Internacional de Horticultura. Foi organizada pela Convenção das Igrejas, associação que reúne as comunidades locais católicas, protestantes e judaicas; e os textos explicativos foram escritos pelos poetas holandeses, bem conhecidos, J. w. Schulte, Nordhold, protestante, e Michel van der Plas, católico romano.

Encontro Inter-Confessional

Membros da União Nacional dos funcionários católicos encontraram-se com um grupo ecumênico de leigos, que trabalham nas organizações internacionais em Paris, para um debate sobre a unidade. No curso desta reunião, o Pastor Charles Westphal, membro da Comissão Central do Conselho Mundial de Igrejas, esboçou um rápido histórico do Conselho, de sua estrutura e de sua atividade. Este encontro faz parte dos que foram organizados pelo grupo ecumênico formado em 1959, que compreende protestantes, anglicanos, ortodoxos e católicos romanos.

Arquitetura Religiosa

Uma Conferência sobre Arquitetura Religiosa realizou-se em Londres, em março, a qual reuniu 80 arquitetos, pastores e peritos, desejosos de

N.º 133-134
ANO XII

CRISTIANISMO

JUL.-AG.
1960

Assinatura anual Cr\$ 100,00 — Os valores (cheques, vales postais, etc.) devem ser enviados nominalmente a — Arrigo Boero — Caixa Postal 6.613 — S. Paulo

Pede-se ao Correio, não encontrando o destinatário,
o favor de devolver — Caixa 6.613 — São Paulo

dar seguimento à que se realizara em 1959, no Instituto do Conselho Mundial das Igrejas, em Bossey. Os participantes recomendaram às diferentes corporações cristãs do Reino Unido que nomeassem Comissões Consultivas de arquitetos, para darem conselhos práticos.

NA ÁSIA E NA ÁFRICA

Restrições a Conversões

O governo indiano rejeitou a proposta de um de seus membros, visando a limitar as conversões do Hinduísmo a outras religiões. Esse projeto de lei foi denunciado pelo Conselho Cristão Nacional como "discriminatório" e "contrário à constituição da Índia e ao espírito da declaração das Nações Unidas sobre os direitos do homem". De sua parte, o ministro dos Negócios Interiores da Índia, sr. B. N. Datar, declarou, igualmente, diante do Parlamento, que tal medida seria anticonstitucional.

Nas Escolas da Índia

O Governo indiano recomendou a inclusão de cursos obrigatórios sobre os valores morais e espirituais nos programas regulares de todas as escolas do país.

A Igreja da Coréia

Para pôr fim à divisão que sobreviu há cinco meses na Igreja Presbiteriana da Coréia, esta decidiu retirar-se do Conselho Mundial das Igrejas. Os delegados a uma assembléia de conciliação votaram esta medida no desejo de apaziguar a minoria "anti-ecumênica", que tinha pedido essa retirada e por esse meio restabelecer a paz na Igreja. Todavia a declaração que anuncia essa decisão diz expressamente que as críticas da minoria oposta ao Conselho, acusado de ser pro-comunista e de dar da Bíblia uma interpretação liberal, não são partilhadas pela maioria.

Distribuição de Literatura

A Igreja Reformada Holandesa do Transvaal e do Natal esforça-se para arranjar fundos, afim de publicar obras cristãs para serem distribuídas às pessoas de cor. Esta campanha financeira visa a encontrar 50.000 pessoas dispostas a dar regularmente uma libra cada mês, durante cinco anos.

A fé cristã na África

A Igreja vai desempenhar um papel de primeira ordem no desenvolvimento das relações raciais na África, pelo simples fato de ensinar que, segundo a Bíblia, todos os homens são iguais

diante de Deus. A mensagem cristã da fraternidade humana é a única que, na situação atual, convém e mostra o caminho tanto aos pretos quanto aos brancos. Tal é a opinião de Garfield Todd, antigo primeiro ministro da Rodésia, que foi durante 26 anos missionário da Igreja dos Discípulos de Cristo, e é hoje primeiro vice-presidente da Convenção mundial dessa Igreja.

NOTÍCIAS VÁRIAS

As "Semanas de Oração"

A Semana de Oração promovida pela Aliança Evangélica Mundial, no princípio de cada ano, e a Semana de Oração pela unidade, que se realiza sempre de 18 a 25 de janeiro, têm posto às paróquias certos problemas que foram, no fim do ano passado, discutidos no curso de uma reunião consultiva de 4 dias, realizada no Instituto Ecumênico de Bossey. Organizada sob os auspícios do Instituto e do Departamento de Fé e Constituição do Conselho Mundial de Igrejas, essa conferência reuniu representantes de 7 confissões, entre os quais católicos romanos, ortodoxos e protestantes, que redigiram uma declaração.

A Finalidade do Concílio

Em recente audiência, falando do Concílio Ecumênico de Roma, o papa João XXIII declarou que ele tinha por finalidade apresentar ao mundo a Igreja de Deus em seu vigor eterno, e com uma legislação adaptada às circunstâncias presentes. E acrescentou: "Depois, se os irmãos que se separaram de nós, e que também estão divididos entre si, quiserem realizar a unidade que todos nós desejamos, poderemos dizer-lhes com a mais viva afeição: nossa casa é vossa, é a casa dos que trazem a marca do Cristo. Se, ao contrário, se quisesse começar por discussões e debates, como alguns o afirmam ainda, não se chegaria a nada".

Literatura Anti-religiosa

Pensava-se que o ano de 1958 fôra o ponto culminante da produção de obras de propaganda do ateísmo, na Alemanha Oriental, com a série intitulada "Ciência contra Superstição" e com a "Coleção de Publicações Atéias", das quais foram difundidos mais de um milhão e meio de exemplares. Verifica-se hoje que o ano de 1959 ultrapassou o ano anterior.

Enciclopédia Ecumênica

Sob os auspícios do "Kirchentag" evangélico alemão, acaba de ser pu-

blicada uma Enciclopédia intitulada "Weltkirchenlexikon". Em mais de 1.200 verbetes, a obra dá informações completas sobre todas as manifestações possíveis da vida da Igreja, e sobre suas ramificações históricas e atuais, sem esquecer a constituição e a atividade do Conselho Mundial. Fotografias, reproduções e esboços completam útilmente a publicação. Informações bibliográficas permitem pesquisas mais aprofundadas.

"Palácio dos Casamentos"

Em Moscou deve começar este ano a construção do Palácio dos Casamentos, com o fim de dar a essas cerimônias um quadro digno delas. Por esse meio, o partido espera impedir os noivos de procurar a bênção para seu casamento nas igrejas. Um rito comunista, acompanhado de música de Tchaikovsky e Rachmaninov, substituirá o rito da Igreja Ortodoxa. Em Leningrado, um antigo edifício foi já transformado em Palácio dos Casamentos.

Arquitetura Moderna

O periódico ilustrado "Ameryka", publicado em russo e que os Estados Unidos estão autorizados a difundir na União Soviética, mercê de um acordo de intercâmbio, apresenta em seu último número um artigo abundantemente ilustrado, sobre a arquitetura nova das igrejas norte-americanas. Os exemplos dados neste artigo, diz o autor, "...falam uma linguagem simples, honesta e humilde. Estas igrejas oferecem aos homens um lugar de culto que reflete para eles o seu tempo e a sua cultura, por meio de símbolos de fé que são válidos.

Bibliografia Interessante

"The Heythrop Journal", que se interessa por questões ecumênicas, vai publicar uma lista de obras britânicas de filosofia e teologia, cuidadosamente estabelecida e anotada pelos padres jesuítas das Faculdades de Filosofia e Teologia de Heythrop College, perto de Oxford. Esta lista se refere aos anos de 1958-59 e será completada cada trimestre. Poderá servir de contribuição britânica a uma eventual bibliografia teológica internacional.

Igrejas da Rússia

Vão estabelecer-se relações mais estreitas entre as Igrejas da União Soviética e o Conselho Mundial de Igrejas. Foi isso o que declarou o Dr. W. A. Visser't Hooft, Secretário Geral do C. M. I., de volta da visita que uma delegação de cinco membros daquele órgão fez à U. R. S. S. Acres-

centou ele que não houvera "negociações" oficiais com o patriarcado de Moscou da Igreja Ortodoxa Russa, nem com os luteranos, os armênios e os batistas, igualmente visitados por ocasião dessa viagem. Falando das conversações que os delegados mantiveram com os dirigentes de Igrejas, o Dr. Visser't Hooft precisou que tais conversações se centralizavam sempre sobre "o futuro de nossas relações". Afirmou que o movimento para um melhor conhecimento mútuo iniciado por ocasião do Concílio entre os representantes do C. M. I. e os da Igreja de Moscou realizado em Utrecht, em agosto de 1958, levará a mais freqüentes visitas e a trocas de informações mais seguidas, acentuando que se estava ainda no início dessas relações. O Secretário Geral do C. M. I. salientou que a delegação recebera por toda parte uma acolhida "muito cordial" e que, ao entrarem os visitantes nos santuários, os fiéis se punham a "cantar, bradando com expressões de boas-vindas, agitando os lenços, e mostrando de todos os modos a alegria de se encontrarem com cristãos de outras Igrejas". Essas informações coincidem literalmente com as que nos deu em fevereiro passado o próprio Visser't Hooft, na conferência que ele então pronunciou na Biblioteca Municipal desta capital, sob o título: "A Universalidade da Igreja".

LIVRARIA
INTERNACIONALPublicações Científicas e
Técnicas

— Livros Religiosos —

Caixa 1405 - Rua Libero
Badaró, 92 - 7.º andar
sala 71 - Telefone 32-1225
S A O P A U L O

Nossas despesas são feitas apenas com a impressão e expedição do jornal. Mas são relativamente grandes e dependem só da boa vontade dos nossos amigos.

